

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UM GRUPO DE ALFABETIZADORAS PINTADAS EM COLCHA DE RETALHOS

Soraia Souza Cardoso¹

soraiacardoso3@gmail.com

Clarilza Prado de Sousa²

clarilza.prado@uol.com.br

RESUMO

Este artigo relata a análise da experiência realizada com um grupo de professoras alfabetizadoras da rede estadual paulistana, que participaram da formação continuada oferecida pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) em 2013. Em uma das atividades propostas, buscou-se incentivar lembranças da infância e cada professora pintou sua saudade do período de alfabetização, em retalho de tecido e a junção dos 25 retalhos, um de cada professora, quando costurados, formou a Colcha de Retalhos, que alinhavou saberes e experiências desse coletivo. As pinturas analisadas a partir de um roteiro com critérios pré-definidos permitiram uma observação orientada da produção das professoras. Assim, foi possível listar e analisar as imagens que cada uma traz e faz de si, compreendendo os elementos que permeiam as Representações Sociais sobre o período de alfabetização desse grupo de professoras. Uma colcha de retalhos que, geralmente, serve para cobrir, aqui desvelou relações tecidas pelas histórias de vida que se demonstraram carregadas de sentimentos e emoções guardadas de um tempo distante. A análise das saudades do período de alfabetização pintadas revela a ausência da figura humana do professor e também do espaço escolar, alguns elementos são fortemente representados e provocam reflexões no fazer docente.

PALAVRAS-CHAVE: REPRESENTAÇÃO SOCIAL; PNAIC; FORMAÇÃO DOCENTE.

SOCIAL REPRESENTATIONS OF A GROUP OF LITERACY TEACHERS PAINTED IN A PATCHWORK QUILT

ABSTRACT

This article brings the analysis of the experience with a group of literacy teachers from the state of São Paulo, who participated in the ongoing training offered by the National Pact for Literacy in the Right Age (PNAIC) in 2013. One of the activities proposed was to encourage memories of childhood and each teacher painted her longing experience of the literacy period in pieces of fabric. The junction of the 25 pieces, one from each teacher, when sewn together, formed the Patchwork Quilt, which refined the knowledge and experiences of this group. The paintings analyzed from a script with predefined criteria allowed a guided observation of the production of the teachers. Thus, it was possible to list and analyze the images that each teacher brings and makes of herself, understanding the elements that permeate the Social Representations about the literacy period of this group

1 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

2 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

of teachers. The Patchwork Quilt that is usually used to cover, revealed relationships woven by life stories that have been loaded with feelings and emotions from a distant period of time. The analysis of the literacy period reveals the absence of the human figure of the teacher and of the school space; some elements which are strongly represented and provoke reflections in the teaching.

KEYWORDS: SOCIAL REPRESENTATION; PNAIC; TEACHER EDUCATION AND LITERACY.

REPRESENTACIONES SOCIALES DE UN GRUPO DE ALFABETIZADORAS PINTADAS EN COLCHA DE RETAZOS

RESUMEN

Este artículo relata el análisis de la experiencia realizada con un grupo de profesoras alfabetizadoras de la red estadual paulistana, que participaron de la formación continuada ofrecida por el Pacto Nacional por la Alfabetización en la Edad Cierta (PNAIC) en 2013. En una de las actividades propuestas, se buscó incentivar recuerdos de la infancia y cada profesora pintó su nostalgia del período de alfabetización, en colgajo de tejido y la unión de los 25 retazos, uno de cada profesora, cuando cosidos, formó la Colcha de Retazos, que alinea los conocimientos y experiencias de ese colectivo. Las pinturas analizadas a partir de un itinerario con criterios predefinidos permitieron una observación orientada de la producción de las profesoras. Así, fue posible listar y analizar las imágenes que cada una trae y hace de sí, comprendiendo los elementos que permean a las Representaciones Sociales sobre el período de alfabetización de ese grupo de maestras. La Colcha de Retazos que generalmente sirve para cubrir, aquí desveló relaciones tejidas por las historias de vida que se mostraron cargadas de sentimientos y emociones guardadas de un tiempo lejano. El análisis de las nostalgias del período de alfabetización pintadas revela la ausencia de la figura humana del profesor y también del espacio escolar; algunos elementos están fuertemente representados y provocan reflexiones en el hacer docente.

PALABRAS CLAVE: REPRESENTACIÓN SOCIAL, PNAIC Y FORMACIÓN DOCENTE.

INTRODUZINDO LINHA NA CARRETILHA

A trajetória profissional pode ser descrita a partir das relações e experiências com as diversas pessoas que passam em nossas vidas e corroboram como se fossem retalhos, que vão construindo uma grande colcha costurada no decorrer de toda a existência. A cada nova interação, passamos por uma transformação e, assim, também vamos alinhavando nossa formação, que se desenvolve continuamente.

Nessa perspectiva, observar junto às professoras alfabetizadoras quais foram as relações e experiências dos seus próprios períodos de alfabetização, que se tornaram significativas em sua trajetória de vida, possibilitou a compreensão da representação que construíram do período de alfabetização, vivenciada por elas mesmas.

A retomada dessa vivência é aqui observada a partir do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), programa desenvolvido com o propósito de oferecer aos professores que atuam no ciclo de alfabetização momentos que oportunizassem a reflexão sobre o planejamento das aulas, avaliação, estratégias metodológicas e, também, o uso de modo articulado dos materiais e das referências curriculares e pedagógicas. A rede estadual de ensino de São Paulo aderiu ao

PNAIC em parceria com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e ofereceu formações em Língua Portuguesa aos Orientadores de Estudos, grupo formado, em sua maioria, por professores e coordenadores da rede estadual de ensino, que foram orientados a formar professores da respectiva rede. Essa formação foi composta por 10 encontros, realizados aos sábados, em uma das escolas da rede de ensino localizada na região noroeste da capital paulista, com carga horária de oito horas para cada encontro.

A estratégia escolhida pela Orientadora de Estudos de um dos grupos do PNAIC para abordar o tema “Infância” com as professoras foi a de levá-las a relembrar esse importante momento das suas vidas, revisitando, através das memórias, fatos que marcaram a fase inicial escolar. Assim, buscando propor boas práticas pedagógicas, foi apresentado ao grupo o trabalho realizado por uma professora da rede estadual, que depois de fazer a leitura do livro “A colcha de retalhos”, de Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro, incentivou suas crianças a pintarem, em tecido, uma saudade, e a junção desses retalhos de tecidos, costurados, formou a colcha de retalhos da classe, que foi utilizada durante o ano letivo, nas leituras realizadas semanalmente fora da sala de aula.

Assim, em um dos encontros do PNAIC, as professoras também foram convidadas pela orientadora de estudo a realizarem a leitura-deleite do mesmo livro, no pátio da escola, sentadas sobre a Colcha de Retalhos confeccionada pelas crianças, juntamente com a professora, cujas boas práticas eram compartilhadas.

Foi proposto às professoras, após a leitura, que se lembrassem de “uma saudade”, ou seja, indicassem um momento significativo do período de alfabetização. Com essa orientação, cada professora recebeu um pedaço de tecido branco e, usando tintas e pincéis, expressou o que considerou relevante nessa importante fase da sua vida. O resultado da junção dessas várias saudades do período de alfabetização foi a confecção de uma Colcha de Retalhos que foi aqui analisada, procurando-se identificar como os professores representam o que foi seu processo de alfabetização.

Quando os retalhos das saudades foram costurados e formaram a colcha, as professoras perceberam-se revelando fatos e sentimentos profundos, há muito tempo esquecidos ou guardados a sete chaves, mas que desvelam um pouco de cada uma, já que todas trazem consigo histórias únicas de vida. Ao ouvir, por meio de entrevistas, as leituras que faziam de seus desenhos na colcha, foi possível analisar também o imaginário desse grupo de professoras sobre o período da alfabetização.

ALINHAVANDO COM O VIÉS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IMAGINÁRIO

A pintura dos retalhos foi utilizada como estratégia para acessar o imaginário do grupo de 25 professoras sobre seus períodos de alfabetização. A escolha de se aproximar do imaginário social instituído daquelas que atuam com crianças em período de alfabetização trouxe à tona suas histórias, saberes e lugares revisitados, tornando presentes lembranças de um lugar que ocuparam na infância, se percebendo como as crianças que foram e também como as professoras que são hoje.

O imaginário pessoal, quando compartilhado no coletivo, evidencia representações sociais

desse grupo de professoras sobre sua própria infância no período de alfabetização. Assim essa estratégia fez

[...] emergir histórias guardadas e esquecidas, memórias potencializadas, lembranças que poderão evocar o contato com o polo criador, inventivo, aventureiro do humano, que tem ligação com o imaginário e o princípio da autoria – exercício fundamental para sua jornada de ensinar e aprender. (BERKENBROCK-ROSITO, 2010, p. 2).

Levar as professoras a apreender as imagens da Colcha de Retalhos que elas mesmas desenharam, consistiu em um movimento que permitiu estabelecer a confluência entre o que experienciaram e o que o estão vivenciando hoje com seus alunos, ou mesmo perceber o que os alunos poderiam estar vivenciando.

A sensibilidade que esse processo faz emergir é captada por Berkenbrock-Rosito (2009), que entende a arte de narrar-se pelas imagens da “Colcha de Retalhos” como uma aquisição oriunda de um saber aprendido através da experiência imaginativa, alcançada por meio da imersão nas lembranças e nos sentimentos advindos das imagens que compõem a história de cada sujeito, que é narrada mediante o jogo metafórico estimulado pelo imaginário que o faz resgatar essas experiências e provocam sensibilidades adormecidas. Para a autora:

Do retalho-história feito à mão, aproximam-se polos culturalmente desconectados e essenciais para nossa vida pessoal e profissional – razão e emoção, cognição e afeto, consciente e inconsciente, singular e coletivo; imagens talvez alegres, tristes, brincantes, curiosas, inteligentes, oprimidas, solitárias, medrosas, tímidas – conteúdos que podem ter sua compreensão intensificada no campo da sensibilidade (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 497).

Para distinguir os conceitos de processo afetivo, emoção e sentimento, evocados nessa narrativa imagética, precisamos compreender que

[...] os processos afetivos, como todos os estados que fazem apelo às sensações de prazer/desprazer ou ligados às tonalidades agradáveis/desagradáveis, estão vinculados à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno, [...] a emoção é um estado afetivo, comportando sensações de bem-estar ou mal-estar que têm um começo preciso, está ligada a um objeto específico e tem duração relativamente breve, ou seja, é a exteriorização da afetividade [...] e o sentimento corresponde à expressão representacional da afetividade, não implicando reações instantâneas e diretas como na emoção, já que opõe-se ao arrebatamento, tendendo a reprimi-lo, imponto controles e obstáculos que quebram sua potência (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 18 - 21).

Os sentidos e significados impressos nesses processos afetivos e que se traduzem na comunicação revelada pelas professoras na Colcha de Retalhos foram analisados tendo como escopo teórico a Teoria das Representações Sociais proposta nos estudos de Moscovici (1978), que possibilitou “explicar a emergência do significado, do sentido, tal como este se produz cotidianamente na interação cara a cara dentro do nosso mundo social” (SOUSA, 2005, p. 201).

Uma representação é sempre representação de alguém (sujeito) e/ou de algo (objeto), pois

não existe separação entre o universo externo e o universo interno do indivíduo ou do grupo. Nessa perspectiva, sujeito e objeto não são distintos. O objeto de representação, ou seja, de conhecimento, pertence a um contexto ativo, que é o mesmo do sujeito representante e este, conseqüentemente, vai se apropriando da realidade, reconstituindo-a a partir dos sistemas de valores e de sua história, isto é, do contexto ao qual está inserido.

Analisar o imaginário sobre esse período e compreender as representações sociais que o constituem é uma forma de rastrear os ângulos e os vestígios dos significados que as professoras construíram sobre seu processo de alfabetização, alinhavando as relações entre o social e o individual.

As representações, nesse sentido, entendem essa realidade, que se constrói a partir da leitura dos símbolos presentes no cotidiano.

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1978, p. 181).

Corroborando com este autor,

As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição da linguagem e da comunicação, as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre as quais elas intervirão (JODELET, 2001, p. 41).

Nesse sentido, Passeggi e Souza (2014), ao escreverem o prefácio da obra de Nóvoa e Finger (2014), explicam que as fontes autobiográficas (sejam por meio de fotos, diários, relatos orais, desenhos, memoriais, entrevistas etc), ampliam e produzem conhecimentos sobre a pessoa em formação, pois potencializam a reflexão do modo de biografar resistências e pertencimentos, já que:

A prática da escrita de si é apresentada como uma nova epistemologia da formação, ela se adequa melhor a ideia de que já não se trata de promover a aquisição de conhecimentos duradouros, definitivos, mas de ajudar o adulto a desenvolver uma reflexividade crítica face a saberes em evolução permanente (PASSEGGI; SOUZA, 2014, p. 5).

ANALISANDO OS RETALHOS COSTURADOS NO VIÉS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Contemplar as próprias experiências do período de alfabetização, por meio de imagens pintadas nos retalhos, revelou o imaginário que essas professoras vêm construindo desde a infância. Afinal, “a história tecida em retalhos é um convite para adentrar no mundo do imaginário, habitar o mundo das incertezas, a epifania de um mistério, a coisa fora do ato da percepção” (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 488). Já que não é possível mensurar o total alcance de como essa experiência pedagógica é percebida por cada professora, pois:

As imagens não se esgotam nas sensações e percepções das emoções. A tomada de consciência do que se sente é uma experiência estética. De forma análoga, a

razão produz um saber, um conhecimento da representação da sensibilidade. A estética é a história da sensibilidade, do imaginário e dos discursos que procuram valorizar o conhecimento de sensibilidade, dito inferior, na civilização ocidental, ao conhecimento racional. [...] A história, tecida na imagem elaborada em retalhos, constituindo um centro depositário de memórias, ao redor do qual se torna possível o aparecimento de imagens talvez, alegres, tristes, brincantes, curiosas, inteligentes, oprimidas, solitárias, medrosas, tímidas. (BERKENBROCK-ROSITO, 2010, p. 9-10).

Assim sendo, as lembranças pintadas na colcha mobilizaram o grupo, que por meio da escuta atenta às histórias de cada colega, repensava sua própria história enquanto criança e docente.

Dessa forma, os retalhos contêm representações, exprimem uma emoção que tenteia e balbucia uma imagem do passado que se abre, uma imagem que se manifesta através do desejo que se exprime, uma nostalgia que se objetiva e um símbolo que se esboça carregado de sentido e significado, que são retomados por meio das lembranças do período de alfabetização, que é único.

É evidente que, conforme Berkenbrock-Rosito (2009), não se consegue dar conta de uma análise precisa em todos os aspectos em virtude da polissemia e singularidade desse périplo que consiste nas imagens e narrativas, já que para ela:

A fonte da autoria não decifra todo o enigma. A história não acaba nunca. Ao contar, vou me desvelando a mim mesma e ao outro, mostrando o sentido de narrar a história de si no contexto da compreensão de formação estética de professores. Narrar minha história implica pensar a educação estética mergulhada no campo das imagens, demonstrando a fruição do imaginário na atividade de Colcha de Retalhos (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 491).

Em consonância com a autora, entendemos também que o fio da memória, ao ser incensado, aciona um caminho rumo ao vivido através do imaginário que retorna não mais agrilhado, mas amalgamado entre o real e o desejado, capaz de transcender a própria história, que para ela “ganha visibilidade nos retalhos tramados, uma linha tênue pode ser esboçada entre passado e presente – vias para o contato com a autoria que nos habita” (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 495).

Cada imagem pintada nos retalhos da Colcha vem carregada de emoção, pois, ao se expressarem, essas professoras deixaram à mostra um pouco dos seus sentimentos e de suas interioridades com relação aos seus períodos de alfabetização e suas infâncias, fato importante, já que a estratégia formativa usada propunha a reflexão sobre o conceito de infância, a fim de se reportar às crianças, que alfabetizam hoje. Retomar as suas infâncias, se reconhecendo como crianças, na tentativa de recordar o que acontecia nessas interações, provocou um movimento de autoconhecimento e também de autoavaliação.

A Representação Social construída por esse grupo de professoras está diretamente associada com a concepção de infância que permeia suas práticas. É o resultado da interpretação de significados que esse grupo utilizou para entender o que é significativo no seu tempo de alfabetização. É a trajetória que percorre a construção mental desse período da vida (objeto), elaborada através da atividade simbólica (imaginário) de cada professora, dentro do processo de comunicação, que é, portanto, uma atividade cognitiva e simbólica desse grupo, que partiu do pessoal para o social e está

ligada a uma rede de conceitos, que envolveu diversos elementos do contexto sociocultural. São produtos das experiências acumuladas por um processo histórico dos fatos, os quais constituem os sistemas cognitivos dessas professoras.

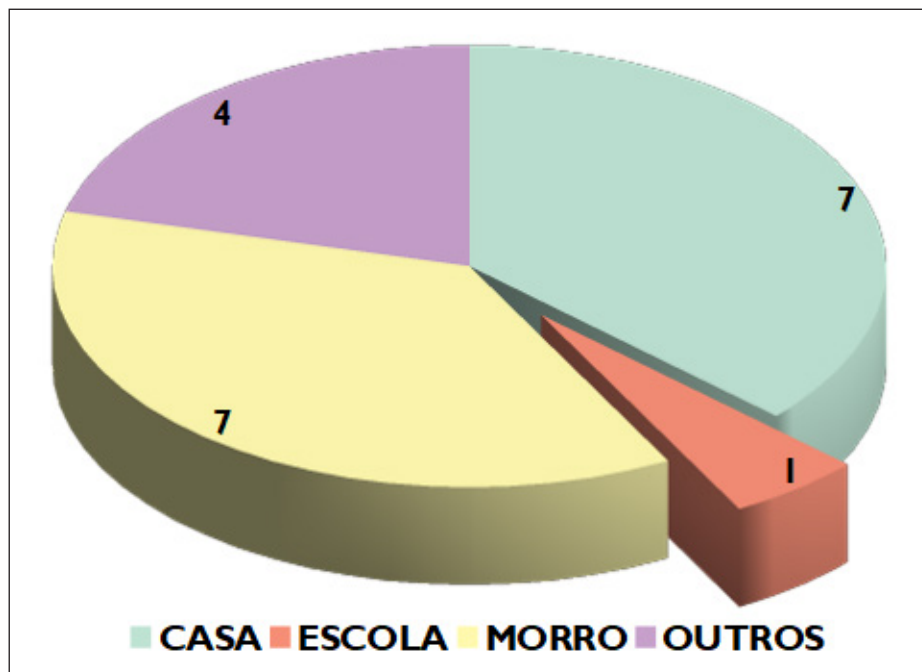
As experiências costuram a reconstrução de informações, a partir de conhecimentos prévios, e os decompõem em novos conhecimentos, reorganizando-os de forma a torná-los possíveis de ser incorporados ao seu referencial. Essa reorganização descostura aquilo que está pronto e alinhava novos conteúdos, não de maneira uniforme, mas identificando pontos de concordância com os referentes, eliminando os pontos de alta tensão, “modelando o dado externo por meio e na interação social, remanejando estruturas, redefinindo elementos e reconstruindo um contexto sócio-afetivo e cognitivo, no qual é produzido e produz.” (MOSCOVICI, 1978, p. 26).

A análise realizada permitiu identificar os impactos e deslocamentos de pensar juntas as linhas e a dimensão psicossocial, bem como compreender a afetividade que se imbrica nessa dimensão.

Para analisar cada retalho observou-se, na imagem/desenho, o que foi escrito na pintura, o ambiente, a identificação da figura humana, os elementos da natureza e os tipos de brincadeiras.

Considera-se que os ambientes observados na Colcha de Retalhos retratam uma infância onde a escola é representada por apenas uma das professoras, e ainda assim, nessa pintura, há saudades da escola, dos amigos e da brincadeira na rua, fato que deve ser refletido, pois sete professoras representam suas casas, sete os morros onde brincavam, duas as ruas, uma a praça, uma a praia e uma o poço de água.

Gráfico 1: ambiente



Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 1: Pintura da Professora 11

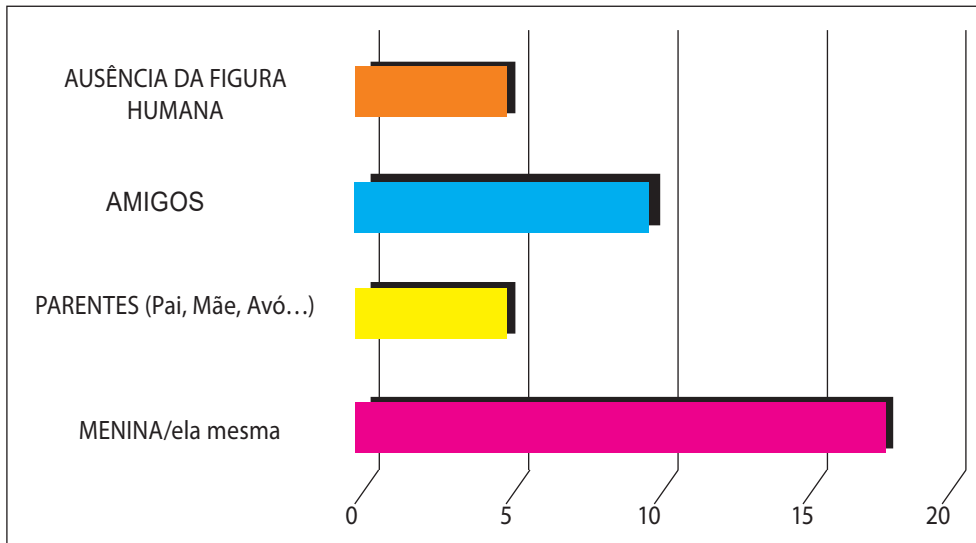


Fonte: Acervo das autoras

Observando a única pintura onde a escola aparece, percebe-se a presença da menina e do colega, sol e nuvens e a escola sem portas ou janelas.

Na representação da figura humana, o professor não aparece em nenhuma das pinturas, informação de extrema relevância, já que o enunciado para que as imagens fossem pintadas era pintar uma saudade do período de alfabetização, ou seja, o período inicial na vida escolar e as primeiras experiências com esse profissional, que inexistem no imaginário desse grupo de alfabetizadoras.

GRÁFICO 2: representação de figura humana



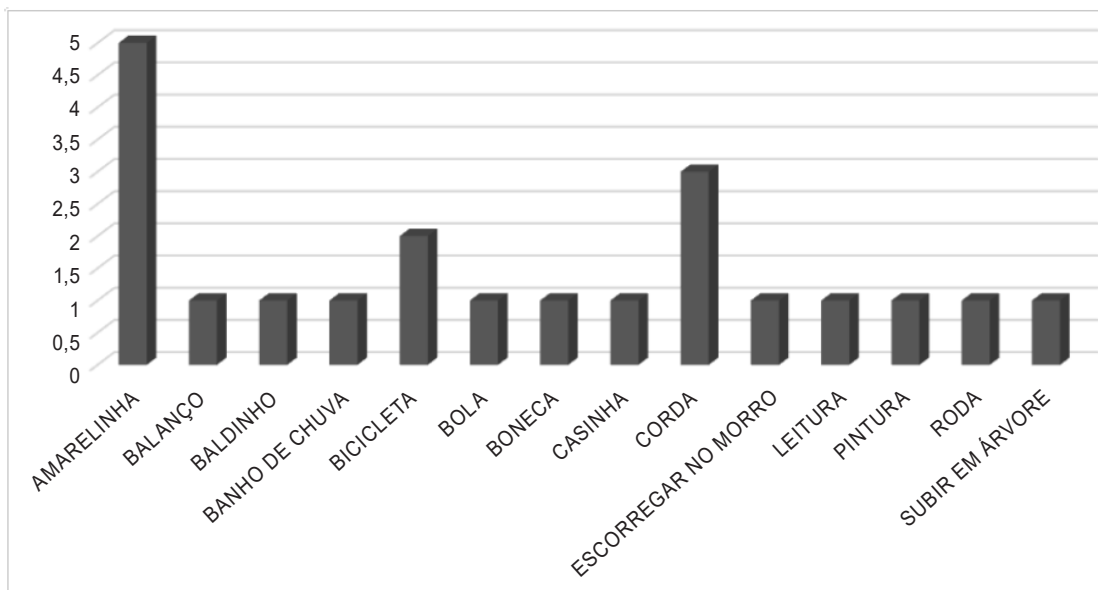
Fonte: Elaborado pelas autoras

Ainda na figura humana, 18 professoras se representam nas meninas que foram e se integram na imagem pintada, em que as figuras dos amigos também são complacentes, já que são representadas por 10 professoras. Familiares (mãe/pai=3 e avô/avó=2) são representados por cinco professoras, número idêntico a outras professoras que não trouxeram em suas imagens a figura humana.

A presença dessas personagens está ligada às brincadeiras de crianças, que aparecem na imagem de 19 professoras, fato que demonstra o quão importantes são os laços afetivos oriundos das interações ocorridas na infância, pois perduram no imaginário dessas que hoje atuam com essa faixa etária.

É preocupante o fato de a escola pertencer no imaginário revelado na pintura de apenas uma professora, o que levanta a hipótese evidenciada na pesquisa de Fernandes (2015), que identifica o fato de as crianças compreenderem a funcionalidade, a estrutura da escola e a dinâmica das interações e, nessa perspectiva, assimilam que é o lugar de estudar, aprender a ler e a escrever, porém, para isso, têm de seguir as normas e regras da escola, comportando-se de maneira adequada. Assim, as atividades lúdicas e as brincadeiras vão sendo substituídas por outras exigências, ocorrendo, então, o processo de “conversão” de crianças em alunos, sendo a cultura infantil colocada em segundo plano.

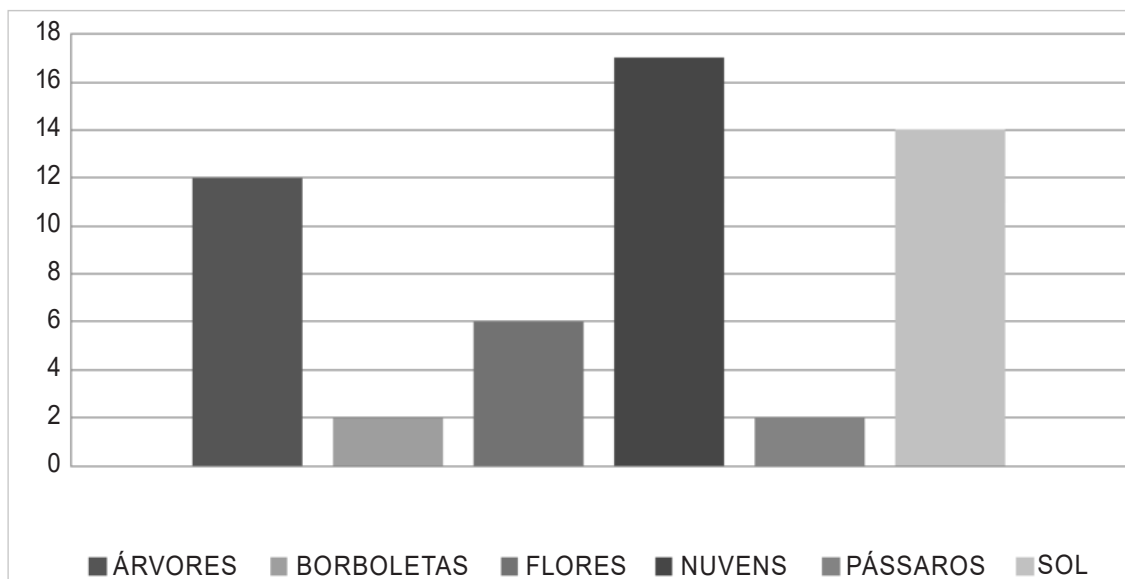
GRÁFICO 3: Brincadeiras citadas



Fonte: Elaborado pelas autoras

Todavia o brincar e o lúdico são intrínsecos à infância e perduram de forma ativa no imaginário dessas professoras que, ao serem desafiadas a pintar uma saudade do seu tempo de alfabetização, retomam as meninas que foram e se demonstram através das pinturas, realizando o que foi significativo nesse período de alfabetização, marcado por atividades que aconteceram fora dos limites das salas de aula e que também evocam com grande força os elementos da natureza, pois estes aparecem em número significativo.

GRÁFICO 4: Representação de elementos da natureza



Fonte: Elaborado pelas autoras

As evocações e reconhecimentos que instalam o ausente, o distante, no entanto, quando costurados a cada retalho, constituído pelo jogo de imagens pintadas na Colcha de Retalhos,

escondem segredos de um período subjetivo de cada imaginário ali retratado sobre a infância e, em especial, do período de alfabetização. Assim, servem de sinalizadores para que se reflita sobre as práticas docentes que serão vivenciadas em cada sala de aula, já que os alunos/crianças, que hoje são alfabetizados por essas professoras guardarão imagens desse período. Logo, o uso da linguagem verbal e não verbal se realiza de maneira diferente em cada situação comunicativa que vivemos, evocará um sentido e significado também diferente a cada criança, já que as características pessoais e psicológicas de cada uma interferem em sua maneira de emitir e receber mensagens, ou seja, se comunicar, acarretando motivações individuais, mas geradas com base nas trocas sociais oriundas no espaço escolar.

A Colcha de Retalhos não deixa de ser uma expressão artística e deu acesso à subjetividade de cada professora pelo viés afetivo, pois possibilitou a elas entrar em contato com suas emoções e sentimentos, expressando assim, a consciência de si e do todo que as integram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O VINCO E O PESPONTO

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar

pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de “nós”.

[Cora Coralina](#)³

Essa força opositiva, trazida pelas imagens e imaginários das lembranças, cristaliza-se em representações, que demonstram uma força afetiva da qual não se pode jamais se esquivar.

A base da teoria é não descolar o sujeito e o objeto de conhecimento e, ainda, enfatizar a interação que o encontro proporciona, visto que o sujeito é ativo no movimento de atribuição de sentido aos objetos, que não se restringe a um recortar e colar fragmentado de ideias, mas operar sobre elas. Assim, a atividade representativa se caracteriza por um poder criador que compreende que, a partir de um repertório de saberes e experiências, é possível operar com estes, descolá-los, misturá-los, deglutindo e mastigando os sentidos: representar é reapresentar o objeto, como aponta Moscovici (1978). Sobre o objeto, este mesmo repertório, igualmente conhecido como contexto, também lhe é revelado de forma particular.

³ Disponível em: <https://pensador.uol.com.br/frase/MTk5NTA1Mg/>. Acesso em 27 fev. 2018.

Procura-se contribuir não só no sentido de suscitar a reflexão sobre o passado, mas prover o entendimento do presente como um tempo em permanente construção e nesse sentido, o fio condutor, além de conduzir, teceu novos saberes, trocas, sentimentos e envolveu de forma afetiva as professoras.

O mais interessante e preocupante é que se sabe que o percurso escolar imprime certas orientações que nos acompanharão em outros espaços (família, igreja, trabalho...) e que aqui na Colcha de Retalhos pôde-se compreender que, após vários anos de vida social na escola como alunas e professoras, quase nada ficou evidenciado sobre esse contexto.

No cerne da teoria das Representações Sociais, percebe-se a potência do cotidiano em suas possibilidades de transformação pelo viés do afeto, aqui compreendido como o artesão provocador de mudanças, que incide diretamente sobre a representação. Mistura-se às outras dimensões das representações sociais por impregnar a vida cotidiana no momento da comunicação: o afeto passa tanto pela psicologia dos sujeitos da representação quanto atravessa o social.

Nota-se que as aprendizagens, situadas em tempos e espaços aqui determinados entre os 6 e 10 anos de idade, atravessaram a vida das professoras e, ao acessar o modo como cada uma se forma e como essa subjetividade se constitui, percebem-se as singularidades de cada história, o modo de agir e interagir com o contexto. Nesse sentido, a narrativa auxilia tematizando a atuação presente das professoras, pois a (re)construção das infâncias, por meio das narrativas, promoveu a reflexão sobre as imagens atribuídas a elas num determinado tempo e espaço, que propiciou adentrarem o campo das significações imaginárias às vivências, sonhos, aos sentimentos e às marcas de um vivido, possibilitando a reflexão desse vivido, acionando no campo simbólico, às significações imaginárias sobre si mesmas, a infância, a formação docente e as Representações Sociais do período de alfabetização.

Nesse sentido, recorremos a Berkenbrock-Rosito (2009), que entende as professoras como protagonistas dessa formação no momento em que:

Tornam-se expectadores-observadores de sua própria obra, fato que pode ser concebido como a metáfora da 'agulha à máquina' que significa, sobretudo, a relação das mãos que tecem a formação do professor e a sensibilidade que esta ação exige. A agulha segue o ritmo da mão que a conduz. A máquina tem uma velocidade que o homem, o seu criador, não consegue acompanhar. A agulha é o processo de criação, a máquina é o produto, o automatismo. (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 36).

A beleza da Colcha de Retalhos, metaforicamente, é que o tecido tem um sustento, uma trama que o está sustentando. Compreender o outro, então, significa considerar essa trama e todas as experiências que a compõem, ver além dos olhos, o que está oculto no coração.

REFERÊNCIAS

BERKENBROCK-ROSITO, M.M. Colcha de Retalhos: história de vida e imaginário na formação. **Educação**, Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 487-500, set/dez. 2009. Disponível em: <<http://eee.ufsm.br/revistaeducacao>> Acesso em: 14 fev. 2018.

_____. O regime da esteticidade em Freire: Para uma pedagogia imaginal na arte da História tecida em retalhos. **Debates em Educação**. Maceió, vol. 2, n. 3, jan/jun. 2010.

FERNANDES, I.L.G. **Da educação infantil ao Ensino Fundamental**: O que contam as crianças sobre essa travessia na cultura da escola. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, 2015.

JODELET, D. Cultura e pesquisa – Representações sociais: saberes sociais e polifasia cognitiva. *EduCadernos*, Blumenau, n. 2, p. 1-56, 2001.

MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L.R. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem** – Contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Psicologia da Educação, 2005.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PASSEGGI, M.C; SOUZA, E.C. O método (auto) biográfico: pesquisa e a formação (Prefácio). In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2014.

PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/component/content/article/26-eixos-de-atuacao/54-formacao>> Acesso em: 10 jan. 2018.

SOUSA, C.P. Representaciones Sociales y el imaginario de la escuela. In: SOUSA, C.P. A escola como instituição pensante. In: MENIN, M.S.S; SHIMIZU, A.M.(orgs.): **Experiência e representação social**: Questões teóricas e metodológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SOBRE AS AUTORAS

SORAIA SOUZA CARDOSO. Mestre Profissional - Formação de Formadores: FORMEP na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Professora nas redes Estadual e Municipal de São Paulo. Foi Professora Coordenadora na rede Estadual. Orientou um grupo de professoras no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Pesquisadora Associada do NEARS – Núcleo de Pesquisa Internacional em Representação Social.

CLARILZA PRADO DE SOUSA. Pós-Doutorado pela Harvard University, professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), coordenadora do Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação da Fundação Carlos Chagas, São Paulo, SP – Brasil.

RECEBIDO 02/02/2018

APROVADO 29/03/2018